

UNIVERSO DO CONHECIMENTO - UNIVERSIDADE SÃO MARCOS

LAMA PADMA SAMTEM - 17/AGOSTO/2006

## "A CIÊNCIA E A MENTE"

Boa noite a todos. Gostaria de agradecer por esse convite honroso. Esse tema é um tema difícil, nós tratarmos desse encontro de mundos, do encontro de universos culturais diferentes, de concepções de mundo e do encontro de mandalas. Eu acredito que o budismo tem uma responsabilidade, tem uma possibilidade de enriquecer e enriquecer-se também nesse diálogo. Vocês provavelmente têm acompanhado a trajetória de sua santidade o Dalai Lama, no seu encontro com o Ocidente, e provavelmente já perceberam a profundidade dessa mensagem que pode ser trazida através de sua santidade o Dalai Lama e como isso de fato pode trazer elementos novos para a nossa cultura e oferecer soluções para os problemas que a gente tem se defrontado, de forma assim muito visível e muito intensa, nos dias de hoje. Nesse nosso encontro, ainda que seja um encontro breve, gostaria de transmitir parte desse entusiasmo que sinto também nesse diálogo que nós podemos desenvolver entre civilizações, nesse diálogo entre culturas, cada uma com um grande potencial de contribuição para os seres humanos.

A cultura budista se desenvolveu em condições completamente diferentes das nossas e ela se desenvolveu a partir da investigação da própria mente. Vocês podem imaginar que há uma possibilidade de nós investigarmos o universo olhando externamente a todas as coisas. Nós podemos dizer que a cultura ocidental se desenvolveu especialmente através disso, não totalmente através disso, mas especialmente através da nossa possibilidade de contemplar o que está fora de nós. Já a cultura oriental se desenvolveu examinando internamente. Na cultura védica pré-budista há essa imagem de que, se nós vamos profundamente na compreensão de *Dharma*, do mundo externo, nós terminamos encontrando *Atma*, o mundo interno. Por outro lado, se nós vamos profundamente no mundo interno, em *Atma*, nós terminamos encontrando o mundo externo. Então esse diálogo que nós encontramos hoje, que nós vemos ocorrer especialmente no budismo, através da influência de sua santidade o Dalai Lama, esse diálogo, esse debate, esse encontro é na verdade quase que essa imagem de *Atma* se encontrando com *Dharma*, ou seja, o mundo externo se encontrando com o mundo interno. Na própria cultura ocidental nós vamos encontrar momentos onde esse afloramento se deu. Essa é uma das razões pelas quais nós vemos a física quântica frequentemente ser associada a algo espiritual, ou a estar ligada especialmente ao budismo também. Alguns autores associam a física quântica também à ioga, aos ensinamentos védicos. Isso de fato ocorre porque a física quântica introduz um elemento muito interessante que, na linguagem da ciência, nós diríamos que é uma variável que não havia sido considerada, especialmente dentro da perspectiva clássica da ciência, que é a do próprio observador. Então a ciência clássica tenta extinguir o papel do observador, ela tenta neutralizar e despersonalizar completamente as observações e o conhecimento científico; enquanto que na física quântica, especialmente através da contribuição de Niels Bohr, que foi quem concebeu a visão complementar da física quântica, se reintroduz o papel do observador, mostrando a impossibilidade de nós olharmos de forma neutra a realidade. Hoje nós temos muitos autores que contemplam também isso, mas, se nós olharmos de forma rigorosa, talvez ainda não tenha surgido a ciência efetivamente capaz de lidar com essa variável e de considerar de uma forma fácil o papel do observador. Nós seguimos olhando a realidade a partir da noção da separação entre aquilo que nós vemos e

aquilo que nós somos. Então esse é um ponto muito importante e ele trata justamente dessa ponte entre o mundo interno e o mundo externo. Nós podemos dizer que o Buda foi aquele que descobriu o sofrimento no mundo, que descobriu o fato de que o sofrimento se esconde atrás da própria aparência de felicidade de todas as coisas, quando ele então concebe a noção da experiência cíclica. Então se diz: mesmo que nós tenhamos uma aparente felicidade, é muito raro encontrarmos uma felicidade que não traga dentro de si a possibilidade de sofrimento futuro, pela própria causa da própria felicidade que hoje nós usufruímos. Isso se dá com os nossos familiares, com os nossos filhos, com o nosso trabalho. Então é muito difícil que aquilo que nós buscamos e nos conectamos como sendo um fator de felicidade não se transforme no futuro numa causa de sofrimento. Buda tem uma palavra para isso, a palavra *duka*. *Duka* significa felicidade e sofrimento inseparáveis. No budismo nós dizemos que poderia haver dois caminhos para nós tentarmos superar ou ultrapassar *duka*. O primeiro seria desenvolvermos grande habilidade em transformar as condições externas de tal maneira que, se tivermos poder e recursos, sempre transformamos as situações externas de tal modo que elas sejam favoráveis a nós. É como se esse fosse o caminho eleito pelo mundo ocidental, ou por um tipo de civilização. Por outro lado, existe o caminho que o próprio Buda ensinou, que não exclui o primeiro, mas que potencializa o primeiro introduzindo outras possibilidades. É o caminho no qual olhamos para dentro de nós mesmos e descobrimos como transformar, através da inseparabilidade que há entre os elementos externos e os elementos internos, a nossa experiência diante das circunstâncias. Então essa variável, essa possibilidade, existe. Nós adentramos nesse mundo de possibilidades e estudamos isso através das quatro nobres verdades e do nobre caminho de oito passos, sendo que os três passos finais do nobre caminho de oito passos introduzem justamente a possibilidade da meditação. Esse é o panorama geral da questão. Na visão budista, todos nós estamos presos a *duka* e todos nós aspiramos ultrapassar esse sofrimento, aspiramos à felicidade. Nós temos meios que foram desenvolvidos por nossa própria cultura e hoje temos esse intercâmbio entre culturas e podemos ainda aprender outros recursos que são trazidos também através do budismo. Esse encontro entre Ocidente e Oriente é um encontro muito antigo. No entanto, talvez em nenhuma época esse encontro tenha sido tão profundo quanto nos tempos de hoje. Essa dificuldade de olharmos uma cultura diferente da nossa, há uma dificuldade inerente a isso, que vem do fato de que nós olhamos sempre como quem olha um espelho. É difícil que a gente olhe e veja o novo se o novo não estiver dentro de nós. É muito difícil ver o que está fora como algo verdadeiramente diferente do que nós temos dentro. Então, se nós quisermos efetivamente entender uma outra cultura, uma outra forma de conhecimento, precisamos penetrar de fato nessa forma de conhecimento. Hoje nós estamos vivendo esse tempo onde há muitos praticantes, há muitas pessoas que tentam de fato olhar o budismo de dentro do próprio budismo. Então esse entendimento se torna mais possível e o nosso encontro hoje traduz justamente esse esforço para que não só esse entendimento ocorra, mas que isso seja de um modo verdadeiro e profundo e que pontes se estabeleçam entre essas formas de conhecimento para benefício de todos os seres.

Eu tive a felicidade de aprofundar o meu conhecimento na área tanto do budismo quanto da ciência. Às vezes eu fico pensando: vocês sabem que no budismo as pessoas imaginam que eventualmente vivem de novo, de novo e de novo, aí eu pensei que na próxima vida acho que vou continuar estudando física de novo, porque achei muito útil isso. Eu acredito que a motivação dos físicos é muito parecida com a motivação também dos cientistas da mente, porque essencialmente os físicos aspiram entender a realidade da forma mais profunda e os cientistas da mente também aspiram entender a realidade da forma mais profunda. Justamente estudando física quântica. E não foi de outra forma que na minha trajetória pessoal me foi possível entender justamente esse fato, quando nós olhamos a realidade, inevitavelmente nós olhamos com os óculos dos próprios paradigmas e das próprias estruturas

cognitivas que estão presentes nessas teorias que nós estudamos. E não há outro jeito. Assim, se nós pretendemos alguma liberdade no olhar da realidade que a gente vai chamar de externa, nós precisamos purificar as estruturas internas. Isso me levou inevitavelmente a estudar o budismo, porque o budismo me pareceu o sistema mais perfeito de purificação desse processo, dessas estruturas internas. A imagem disso é justamente um monge sentado meditando, ultrapassando todas as suas estruturas e seus pensamentos compulsivos. Qual é a visão de mundo que se desenvolve a partir de uma mente que progressivamente se purifica desses conteúdos invasivos, que todos nós podemos perceber? Esse é um desafio. Quando eu entrei por essa porta, me dei conta de que o mundo interno continha muitos universos e que o mundo externo aparentemente contém um único universo. Então há uma riqueza muito grande no mundo interno e eu senti que não deveria desperdiçar essa oportunidade de realmente investigar isso, de penetrar por esse mundo. Centrando-me nisso é como se eu tivesse feito um voto interno de não me afastar de fato e de manter essas pontes de compreensão entre esses mundos. O Centro de Estudos Budistas já foi criado com esse objetivo. Este ano nós estamos completando 20 anos, ele foi criado com esse objetivo de estabelecer o diálogo, de estabelecer pontes entre as culturas budistas e não budistas. Por isso eu me sinto especialmente feliz por estar aqui hoje, na Universidade São Marcos, falando sobre esse tema.

Dentro disso me foi possível observar algumas linhas que vou apontar, que me parecem especialmente necessárias de serem aprofundadas posteriormente. O primeiro ponto é a perspectiva que nós temos da neutralidade da ciência. A noção de neutralidade da ciência não é completamente verdadeira, ela é apontada por sua santidade o Dalai Lama como um obstáculo num certo sentido. Eu vou trazer essa reflexão para vocês. Hoje, quando olhamos a ciência, temos a tendência de acreditar que qualquer linha de investigação e de pesquisa é útil, porque afinal estamos descobrindo coisas que estão aí para serem descobertas. Então o cientista é um ser que investiga e olha de forma profunda a realidade que se dá no seu entorno. No entanto, na visão budista o que ocorre é assim: nós não descobrimos propriamente o mundo externo, nós descobrimos possibilidades de relação. Por exemplo, quando nós temos um equipamento experimental e vamos medir uma partícula, na verdade não estamos medindo uma partícula, nós estamos estabelecendo relações entre aquilo que nós chamamos partícula e aquilo que chamamos de equipamento experimental. Quando essas medidas se dão, especialmente na física microscópica, de modo geral (Niels Bohr até chamava a atenção disso), antes de medirmos a partícula, nós nem mesmo sabemos que ela existe, tão diminuta ela é. Depois que ela foi medida, aí nós temos certeza de que ela não existe mais, porque pela interação ela se decompõe, ou passa a fazer parte de outros sistemas. Assim, a partícula é algo quase abstrato. Quando nós medimos essa partícula, no momento da interação com o equipamento experimental, aquilo que a gente chama equipamento experimental, nós vemos as propriedades. Mas não há como separar as propriedades da partícula das propriedades do próprio equipamento, porque ela se revela no contato com o equipamento. Por exemplo, se eu bater aqui na mesa, vocês ouvem, não ouvem? A gente podia pensar: esse é o som da mesa. Mas isso não é verdade, porque se a mão não batesse, não haveria som. Esse é o som da mão também junto com a mesa, mas por uma simplificação nós dizemos: esse é o som da mesa. Esse é o som do chão, esse é o som da mesa, são diferentes. Esse é o som da minha perna. Agora, se eu bato uma mão na outra, pelo mesmo critério eu digo: esse é o som da mesa, esse é o som do chão, esse é o som desta mão. Mas não. Eu sou obrigado a entender que o som é das duas mãos, não há o som de uma mão. Então esse é o exemplo budista: qual é o som de uma única mão? Não há isso, os fenômenos são conjuntos. Quando nós fazemos os experimentos na ciência clássica, temos a sensação de que medimos algo que está diante de nós e que o equipamento experimental não tem nenhuma função. Então em verdade nós estamos estabelecendo a propriedade dessa relação entre a mão e os objetos.

Nós estamos criando correlações e, a partir dessas correlações, podemos produzir sons específicos que agora já sabemos como são. Então nós criamos formas de manipulação e de produção de outros resultados. A ciência, na visão clássica, começa a descrever os objetos como se os objetos tivessem propriedades. Aí nós começamos a compor objetos e manifestamos essas condições aonde eles manifestam as propriedades que a gente aspira. Por isso nós somos capazes, hoje, de tomar pedras e fazer naves espaciais que se elevam, não tem nada ali que não sejam pedras que se elevam e se dirigem a Marte, chegam em Marte, pousam e rodam como carros em Marte. Extraordinário. Mas não podemos dizer que a gente descobriu coisas, nós fomos estabelecendo conhecimentos de correlações, nós não conhecemos nada separadamente de fato. Então nós podemos também decidir que tipo de correlações nós vamos estudar. Nós podemos dar uma direção para o próprio estudo e para a própria pesquisa.

Sua santidade o Dalai Lama introduz um tema difícil de ser tratado, que é o tema da ética na relação com a pesquisa, com a ciência. Então ele diz que não haveria nenhuma razão para nós pesquisarmos, por exemplo, coisas ofensivas à humanidade, coisas cujo conhecimento vão ameaçar a vida, vão ameaçar a nossa felicidade. Não tem nenhum sentido nós ficarmos descobrindo como matar uma maior quantidade as pessoas, como envenenar os seres, como produzir malefícios. Nós poderíamos usar a mesma energia canalizando-a na direção de obter resultados ou métodos para nos tornarmos mais felizes. Como a ciência, por exemplo, na medida em que ela não está descobrindo as coisas do universo, mas como uma engenharia, está estabelecendo construções de conhecimento, nós deveríamos estabelecer construções de conhecimentos positivos. Por exemplo, os cientistas do passado estudaram, com muito cuidado, como as bombas nucleares podem existir. Depois as academias militares de ciência e de engenharia estudam, com muito cuidado, como lançar bombas para que o recurso do contribuinte tenha um maior resultado, ou seja, o contribuinte paga as bombas, então ele precisa ter mais gente morta por moeda investida. Mas isso não é algo muito interessante, é preferível estudar de outras formas. Do mesmo modo a gente pode pensar: os cientistas descobriram modos maravilhosos de controlar pestes e insetos; isso parece que é uma ciência completamente pura. Mas essa ciência traz embutida dentro de si a noção da monocultura, a noção de grandes centros urbanos, uma certa visão de sociedade que tem esses próprios problemas. O cientista diz: as pessoas têm tais doenças mentais, têm tais questões, então nós precisamos ter tais drogas que aliviem os sintomas dessas coisas. Isso está correto. Mas quando nós diagnosticamos as pessoas é importante entender que esse diagnóstico se dá dentro de uma cultura, dentro de uma visão de mundo, dentro de uma experiência de normalidade que pode não ser absoluta. Assim, quando nós começamos a olhar desse modo, vemos que aquilo que é descoberto pela ciência tem pressupostos e estes pressupostos têm bases culturais, bases econômicas, bases arquitetônicas, concepções de vida e concepções espirituais específicas. A ciência é completamente dependente desses fatores todos. Quando nós pensamos assim: a ciência é neutra, pura, é um conhecimento da natureza que é externo a nós, isso não é completamente verdadeiro. Essa sensação de que nós estamos estudando aquilo que é externo nos elimina a possibilidade de introduzirmos a questão da moralidade e da ética dentro do trabalho da ciência. Talvez nós estejamos justamente nesse ponto onde precisamos introduzir a ética não apenas na ciência, mas também na economia, também na produção, nos sistemas de produção, na organização humana e na ciência naturalmente. Introduzirmos a ética na ciência é algo realmente necessário. Se não descobrimos isso, seguimos nessa rota problemática que estamos vivendo hoje, em nossa civilização planetária, que nós sabemos insustentável, mas não encontramos métodos e nem mesmo linguagens para tratar de forma adequada essa questão. Então precisaríamos introduzir na pesquisa científica, no trabalho acadêmico, a visão da ética e da moralidade

também. Eu apenas proponho essa questão. Não pretendo aqui esgotar a questão, estou apenas abrindo essa linha de reflexão.

Nós temos outras linhas de reflexão que me parecem realmente muito importantes e que são, por exemplo, as que tratam da questão cognitiva, que abordei aqui de um modo rápido. Essa questão nos aproxima ao pensamento dos meditantes do pensamento acadêmico, especialmente ligado à física quântica. Essa é uma linha de pesquisa realmente muito importante. É importante a gente examinar dentro de uma perspectiva que sua santidade o Dalai Lama, também desafiadoramente, coloca, dizendo assim: os cientistas não são suficientemente céticos. Eu acho esse desafio maravilhoso. Por quê? Porque os cientistas dizem que os míticos são crentes, não são céticos. Aí vem sua santidade o Dalai Lama, em princípio um místico, dizendo: os cientistas não são suficientemente céticos. Esse é um ponto muito maravilhoso e que a gente deveria olhar com muito cuidado. Se vocês examinarem essa transição do pensamento medieval para o pensamento que deu origem à própria ciência, vão ver alguns autores apontando os textos herméticos como a origem dessa revolução, ou dessa mudança da forma de pensar que possibilitou a ciência.

O que aconteceu quando os textos de Hermes Trimegisto, que têm a sua origem no Egito, passaram para a Grécia e da Grécia passaram para a Europa? O que trouxe esse tipo de pensamento de Hermes Trimegisto e como ele contribuiu para a ciência? O que acontece é assim: o pensamento medieval era um pensamento no qual nós vivíamos num tempo quase como um tempo de passagem, aqui não havia nada propriamente compreendido, as coisas tinham sido feitas por Deus de um modo incompreensível, ele não precisava de uma razão propriamente para construir as coisas como haviam sido construídas. Dentro de uma visão simples, nós podemos imaginar que Deus simplesmente fez os astros, fez a Terra, fez as montanhas, fez os seres e colocou aquilo tudo em movimento e deu ao homem essa prerrogativa de reinar sobre as criaturas. Hermes Trimegisto introduziu a noção do pensamento oculto. Isso é muito profundo. Ele introduziu a noção de que Deus não tinha construído as coisas no aspecto externo, mas construído leis que por sua vez passavam a produzir as coisas. Então Deus não falava a linguagem comum dos seres, ele fazia leis que a maior parte dos seres não conseguia entender, ainda que estivessem submetidos a elas, e essas leis poderiam ser descobertas. Então, dentro do pensamento de Hermes Trimegisto havia isso que é o oculto, ou seja, nós temos uma aparência, mas temos leis atrás. Por exemplo, para nós é completamente óbvio que a gente se levanta e caminha por aqui. Mas se nós estamos num planeta redondo, como que a gente pode caminhar de cabeça para baixo? Está certo que a gente não está de cabeça para baixo, mas se um está de cabeça para cima o outro necessariamente, do outro lado do planeta, está de cabeça para baixo. A gente não tem um sistema universal de dizer o que é para cima e o que é para baixo, mas como os dois podem ser atraídos na mesma direção? Então a gente descobre essa coisa tão simples: tem uma lei que é a lei da gravitação, a matéria atrai a matéria. Na época as pessoas nem refletiam sobre isso, mas agora nós podemos ver que a lei da gravitação é algo extraordinário, toca em todos nós. A gente pode não saber, qualquer criança corre pelo chão sem nenhum problema, joga a bola para cima, a bola volta, tudo funciona direitinho. Porém, ainda que tudo isso funcione, nós não vemos as leis. Elas estão ali, mas nós não vemos. Então esse pensamento começa a se filtrar, até que há aquele fenômeno balístico que é a maçã que cai na cabeça de Isaac Newton. Vocês imaginem, qualquer pessoa em uma condição normal vai pegar a maçã e achar que foi literalmente um presente divino, dando um ultimato para o bicho: você se retire, ou então será devorado. A pessoa vai comer a maçã. Mas Isaac Newton, talvez por efeito daquele impacto, pensou em algo muito profundo, ele pensou que havia uma lei universal. Pensem. A gente não sabe o que acontecia naqueles tempos, ele estava vivendo no campo, na época da Grande Peste, sabe-se lá que chás ele tomava, mas ele teve uma idéia

completamente improvável: ele teve a idéia de que havia uma lei universal, uma coisa psicodélica. A maçã lhe atingiu a cabeça e ele: “Oh, sim, as estrelas e os planetas todos giram por essa mesma força”. Se tivesse um psiquiatra ali, por certo ele seria internado em crises psicóticas, porque ele viu o universo inteiro naquela maçã. Mas ele descobriu a lei da gravitação universal. É como se Hermes Trimegisto tivesse retornado com aquela capacidade de ver algo diminuto e encontrar o universo atrás daquele algo diminuto. É um pensamento que maravilhou cientistas que passaram a surgir e se misturavam com o pensamento de ocultistas (cientistas e ocultistas eram a mesma coisa) e eles começaram a ver Deus atrás das aparências todas. Não é maravilhoso isso? Eu acho que deve ter sido um tempo realmente extraordinário, porque a pessoa podia realmente constatar Deus presente nas manifestações todas, porque elas descobriam as leis por trás.

Logo em seguida surgiram os cientistas classificadores. Eles não olhavam as flores, as folhas, troncos, raízes, isso não tinha importância. O mundo era um mundo de sofrimento e de passagem. Eles começam a olhar as folhas e a ver semelhança entre as folhas, descobriram a semelhança das raízes e começaram a classificar as plantas todas. Foi um momento mágico. Eles começaram a adivinhar o pensamento de Deus atrás das coisas. É evidente que havia um pensamento de Deus, tanto que as árvores da Ásia e da América tinham semelhanças. É espantoso isso. Então é um momento mágico e este momento mágico segue. Nós estamos dominados pela noção de que Deus fez o universo através das leis. A gente só esqueceu de Deus, o cientista esqueceu dessa hipótese, o cientista pode considerar inútil, porque afinal ele clamou por Deus e Deus não alterou nada, deixou as leis. Então tudo bem, aquilo está igual, Deus é um fator que não importa para a maior parte dos cientistas. Então nós precisamos encontrar as leis, mas aí surge a física clássica que vai estruturando essas leis. O próprio Isaac Newton vai trabalhar nisso. Então nós temos as torturantes leis de Newton que castigam os alunos de engenharia, de física e de arquitetura eventualmente. Nós estudamos isso com cuidado. Agora, a maior surpresa que nós vamos ter depois disso é que, por decorrência das leis da mecânica e desse próprio conjunto de pensamentos, nós vamos chegar às leis do eletromagnetismo, que são chamadas leis de Maxwell. Esse é um ponto muito interessante, porque no livro que educou gerações de engenheiros e físicos, se vê assim: “E Deus disse”. Aí vêm as leis de Maxwell. Então houve essa sensação de que era possível “matematizar” o universo. E não é para menos, porque o sucesso das leis de Maxwell vai até ao ponto onde nós encontramos o valor teórico da velocidade da luz como uma expressão de constantes. A partir desse cálculo teórico do valor e da velocidade da luz, nós fazemos os experimentos com respeito a que velocidade teria a luz e encontramos o mesmo valor. É uma teoria maravilhosa, uma teoria que converte energia elétrica em energia magnética e vice-versa, ela permite todo o funcionamento dos motores e todo o eletromagnetismo clássico. Até aí tudo bem, não é verdade? Na sequência surgiram problemas. Esses problemas são o esgotamento da possibilidade desse conjunto de leis clássicas dar conta de todos os fenômenos. Por isso essas leis passaram a ser chamadas de leis clássicas, porque surgiram desdobramentos que não estavam mais de acordo com essas visões. Surgiu a relatividade e posteriormente surgiu a física quântica.

A física quântica, enquanto um arcabouço teórico, demorou um pouco a surgir, porque primeiro surgiu a falha experimental de certos fenômenos que não conseguiam ser explicados através da física clássica. Isso forçou o surgimento de uma física quântica, de uma explicação. Os cientistas se reuniram muitas vezes tentando elaborar isso e foi justamente na década de 20 do século passado que Niels Bohr apresentou essa visão, que é chamada de visão complementar. Ele diz que existe uma variável adicional não contemplada. Do mesmo modo que na teoria da relatividade existe uma variável não contemplada que é o tempo, no trato das questões da realidade existe uma variável não contemplada que é a inseparabilidade entre o

equipamento experimental e o objeto de medida. O observador tem o seu papel, o observador determina. Esse é um ponto muito interessante. Acredito que esse ponto ainda não foi suficientemente estudado, que essa é uma área realmente muito especial e aqui não vou aprofundar, justamente porque o meu objetivo também não é esse. Nós estamos apenas nos encontrando rapidamente aqui e levantando alguns pontos. Mas acredito, por exemplo, que deveríamos tomar isso e olhar com muito cuidado o aspecto cognitivo, como nós geramos certezas sobre as nossas certezas, questionar as nossas certezas e os pressupostos que estão dentro dessas certezas. No ano de 1986, eu tive a oportunidade de estar num congresso internacional que tratava do centenário de Niels Bohr. Nesse congresso, encontrei um filósofo que veio trazer justamente a posição da complementaridade. Ele trabalhava em Copenhagen, no instituto fundado por Bohr, e ele me apontou como uma das chaves da compreensão da complementaridade: a leitura de Ludwig Wittgenstein, especialmente o *Tractatus logico-philosophicus*. Deixo essa indicação para vocês. Lembrem, há essa conexão muito íntima de fato entre a noção dos espaços de possibilidades e os espaços das variáveis quânticas. Wittgenstein introduz a noção de que a nossa cognição se dá por dentro de espaços de possibilidades. Nós trabalhamos internamente, sem que a gente perceba, estruturas de possibilidades. Essa é uma descrição filosófica que se aproxima muito da visão dos espaços de possibilidades que nós trabalhamos na física quântica. Então essa é uma ligação. Como estou apenas apontando avenidas e portas, também gostaria de lembrar que Robert Thurman, um dos grandes eruditos budistas, nesse livro que é chamado *Golden speech*, onde ele trata da obra principal desse grande mestre iluminado fundador da linhagem à qual sua santidade o Dalai Lama deve a sua formação. Robert Thurman, tratando desse tema que é a compreensão, o que é engano e o que é realidade na visão desse grande mestre iluminado Jey Tsong Kappa, dedica 21 páginas dos seus comentários no *Golden speech* a Ludwig Wittgenstein, dizendo que Wittgenstein é como se fosse uma emanção de Manjushri, que é o Bhdissattva da Sabedoria. Bhdissattva é quem examina com muito cuidado, com muita acuidade o que é verdadeiro e o que não é verdadeiro naquilo que nós falamos e pensamos. Eu acredito que essa é uma ponte muito interessante para ser estudada teoricamente: Tsong Kappa, *Golden speech*, Robert Thurman, Wittgenstein, Niels Bohr, física quântica. Existe uma ponte clara de autores com trabalhos eruditos nessas várias áreas.

Essa parte da cognição, no que diz respeito ao budismo, também pode ser potencializada por um outro lado. Nós temos um estudo dos 12 elos da “originação” interdependente. Por exemplo, nós podemos dizer assim: a realidade nos engana. Mas todos nós temos uma sensação de solidez nessa realidade que nos engana. De onde isso brota? No budismo, o próprio Buda, quando ele atinge a iluminação, se faz essa pergunta: como os seres se enganam? Há um estudo acadêmico muito cuidadoso que trata do que se chama “Originação Dependente”. Nessa originação dependente nós temos os 12 elos, onde nós progressivamente geramos visões de realidade mais complexas, mas dependentes da realidade anterior e como nós nos tornamos, portanto, dependentes de uma visão que, mesmo não sendo completamente verdadeira, se torna a nossa visão vigente. Então se estuda, com muito cuidado, como isso se estrutura. No CEBB, nós estamos desenvolvendo a nossa linha de trabalho e de diálogo justamente nessa área; acreditamos que o estudo dos 12 elos de originação dependente pode potencializar e trazer idéias novas à educação, à ciência geral, à física, às questões da saúde, às questões das várias formas de reflexão da sociedade ocidental. No encontro que tivemos algumas semanas atrás, nós justamente delimitamos essas áreas de estudo e estamos buscando essa possibilidade de desenvolver trabalhos de mestrado e doutoramento para vários alunos que têm essa formação nessas áreas. Eu acredito que muitas idéias novas podem surgir e que essas idéias novas podem efetivamente colaborar com a sofisticação da nossa sociedade, com a melhoria das nossas condições e também com a geração de uma sociedade mais estável e mais feliz.

Acredito que o meu tempo se esgotou. Eu vim aqui para falar um pouco salteado de vários temas mesmo, mais para instigá-los a posteriormente também refletir sobre isso e observar linhas de pesquisa, linhas de investigação e reflexão. Agradeço a atenção de vocês e nós temos ainda alguns minutos para responder perguntas e dialogar. Muito obrigado.

## DEBATE

P. – Em que medida a espiritualidade deve ser levada em conta na tomada de decisões políticas?

LAMA SAMTEN – Na visão budista, especialmente a partir de sua santidade o Dalai Lama, a espiritualidade é essencialmente bom senso. É um bom senso que começa com a seguinte reflexão: todos nós aspiramos à felicidade, aspiramos ultrapassar o sofrimento. Então isso naturalmente se reflete perfeitamente dentro das decisões políticas e das decisões econômicas. Nós precisamos tomar decisões que tenham essa base. Hoje nós temos dificuldades em tomar essas decisões, mas eu sempre procuro algum exemplo. Vocês observem: quase sempre, os economistas imaginam que temos leis econômicas a obedecer, que não podemos usar o coração para decidir sobre as coisas econômicas. Mas se vocês observarem com cuidado, foi justamente o coração que nos trouxe até hoje, tornando a nossa sociedade viável. O coração nos trouxe até aqui, até as portas do século 21. Agora é que nós estamos com essas novidades assim: vamos abandonar o coração e vamos ser pragmáticos. Não tem dado muito certo. Por outro lado, se vocês olharem, as donas-de-casa têm uma noção de economia, elas não precisam pensar. Eu posso gastar qualquer quantidade de dinheiro? Nós sabemos que a gente não pode gastar qualquer quantidade. Mas, por exemplo, não faz nenhum sentido a gente usar as leis econômicas externas dentro da nossa família. Nós investimos nos nossos filhos, a gente não está pagando as contas deles e promovendo eles, nós estamos investindo neles e naturalmente vamos querer um retorno, com um juro razoável. Está certo que a gente dá uma carência de 25 anos, mas depois nós queremos o investimento de volta. Isso não faz sentido. Ai nós olhamos para os filhos e dizemos: invisto neles ou não? Eu acho que vou investir no filho do vizinho que ele está com uma cara melhor? Isso não diz respeito. Então nós fazemos todas as loucuras do nosso coração, ou seja, nós investimos nos nossos filhos, nós cuidamos da esposa e do marido a fundo perdido. A razão da economia é essa, é servir os seres humanos, nos tornarmos mais saudáveis, mais educados, nos promover efetivamente. Então esse é o sentido. Agora, externamente nós também deveríamos ser capazes de usar isso, seria uma sabedoria para os políticos. Esse método pragmático que eles têm usado não está funcionando muito bem.

P. – Qual seria a sua recomendação do ponto de vista do budismo para tratar pessoas com ansiedade e pânico?

LAMA SAMTEN – Esse é um ponto muito interessante. Eu acredito que o budismo pode contribuir nessa área da doença mental ou da saúde mental. Por exemplo, se nós pensarmos dentro de uma visão acadêmica comum, a gente olha para alguém separado do seu entorno, separado do seu mundo, separado do que a gente chama mandala, o aspecto sutil onde a pessoa se vê. Mas ali dentro onde ela se vê é que é produzida a lógica do comportamento da pessoa. Na visão budista não há doentes mentais, não é isso propriamente, o que nós temos são pessoas agindo sob condições de um certo modo. Agora, se a gente congelar as situações todas, a situação interna da pessoa, considerar que ela é peça de uma engrenagem, que ela

não sai daquela engrenagem e nem pode olhar o mundo de outra forma, aí eu concordo com você, aí é preferível que a gente simplesmente dê alguma substância para que a pessoa consiga viver dentro daquilo, porque, afinal, é onde ela pode viver. Mas na visão budista nós somos inseparáveis do mundo onde nós estamos, completamente inseparáveis. Logo, nós precisamos curar as relações. Esse é o ponto. Nós não adoecemos, o que adoce são as relações. Então esse é o primeiro ponto. Assim, essa é uma sugestão para vocês. Se vocês quiserem melhorar as suas próprias vidas, façam uma listinha de todas as relações que não estão andando bem e tratem de melhorar uma por uma. Aí vocês vão ver a saúde de vocês melhorando, porque nós existimos através de processos de relação, nós não existimos sozinhos. Quando alguém lhes dá um cartão, ou quando vocês dão um cartão para alguém, o que está escrito ali? Estão escritas as relações como vocês estão dispostos a fazer, vocês se propõem como médicos, dentistas, professores, seja como for, mas é aquilo que vocês estão dispostos a fazer. Vocês não são aquilo. Quando nós nos estabelecemos nas relações, assim nós nascemos. Então é necessário que a gente refaça as relações. Nós vamos saber que as coisas estão difíceis justamente porque as relações estão difíceis. Qualquer pessoa que tenha uma grande aflição mental e um diagnóstico, ela provavelmente está com muito poucos amigos e está com relações danificadas em muitas direções. É muito difícil uma pessoa que tem boas relações, por todos os lados, enlouquecer.

P. – O conceito de incerteza, que é central na física quântica, não seria também uma característica da própria história humana?

LAMA SAMTEN – O conceito de incerteza é muito profundo. Ele está ligado à noção de que a incerteza está ligada à noção de certeza e a noção de certeza está ligada a que os experimentos podem ser perfeitos, exatos. Mas os experimentos não podem ser perfeitos e exatos. Justamente Niels Bohr vai trabalhar com essa noção, ele vai mostrar como há sempre uma incerteza, que mesmo em experimentos clássicos nós temos incertezas. É uma característica do universo clássico a incerteza.

P. – O sofrimento é uma possibilidade?

LAMA SAMTEN – O sofrimento surge a partir de construções. Ontem estava o time do São Paulo lá no Sul, eu não queria falar nada disso, mas confesso que o time que venceu a Libertadores não é assim o mais próximo, mas de qualquer maneira... Agora, vocês vejam, esse é um momento de reflexão profunda: se a pessoa se constrói como torcedor de um time, inevitavelmente ela tem, a partir da sorte daquilo, as alegrias e os sofrimentos. Se a gente olhar no fundo, no fundo de nós mesmos, ainda que os torcedores do São Paulo digam que são são-paulinos mesmo, torcedores do São Paulo mesmo, no fundo, no fundo, não há isso. Nós nos construímos. A cidade do São Paulo já existia antes do time do São Paulo surgir. Então a gente não pode dizer que primeiro Deus fez o São Paulo e depois o resto do universo. Não foi bem assim. Tem uma construção artificial. Uma vez que aquela construção é feita, às vezes os pobres dos meninos nem nasceram e os pais já estão disputando qual é o time. Outro dia, eu aprendi isso assim: a mãe é de um time e o pai de outro, mas já que a mãe está naquela situação, ela não pode se defender direito, a primeira fotografia é a que vale, então joga o macacãozinho do time do pai, tira a primeira foto e pronto. O que acontece nesse momento? A pessoa ganha uma identidade, uma identidade de sofrimento, porque às vezes ganha, às vezes perde, e aquilo segue. Então essa é a experiência do sofrimento, o sofrimento tem essa característica: nós surgimos como uma identidade e, a partir desta identidade, surge o sofrimento. Ele não é real. A nossa natureza, o que nós verdadeiramente somos, está além do espaço, além do tempo, não envelhece. É bom que a gente diga isso. Não é uma boa coisa? Não tem nome, não tem forma. Para essa natureza não tem time também. Naturalmente se

diz assim: não há nascimento e não há morte, há uma presença incessante. Isso é o que os mestres nos dizem. Essa é a realidade da nossa vida, mas nós nos fazemos mortais, nós nos construímos como torcedores de alguma coisa, como aquele que defende a sua própria identidade e, a partir disso, o sofrimento se torna presente.

P. – Fale mais sobre o que é engano e o que é realidade.

LAMA SAMTEN – Esse é um bom tema, realidade e engano. Existe a palavra ilusão e a palavra delusão. Esse é um ponto interessante. A palavra delusão, deixa-me ver se tem alguma coisa aqui para ilustrar. Vocês estão vendo, no céu, voando ali, no logotipo do Universo do Conhecimento? Eu olho assim, não sei se vocês vêem também, eu acho que é uma figura masculina. Isso não é uma ilusão, a gente pode chamar a pessoa que desenhou e ela vai dizer: “Eu desenhei um homem”. É um homem realmente, está ali, a gente olha e pode reconhecer. Então o homem não é uma ilusão, mas o homem ali seria uma delusão. Por quê? Porque não há homem de fato ali, mas há homem, mas não há, mas há. Então há uma dupla realidade. A delusão tem uma dupla realidade. Por exemplo, posso dizer que sou um lama, mas não sou, mas sou, não sou. Então existe uma identidade, mas numa dimensão profunda não há isso. Cada um de vocês pode pegar o cartão de vocês e olhar o seu próprio nome e a sua descrição: nós somos isso. Mas olhem os cartões anteriores. É assim. A delusão é um tipo de fraude. A gente pode até brincar que é fraude, porque, se a gente entregou no ano passado um cartão e hoje aquele cartão passou, então nós nunca fomos aquilo, senão não passava. Então a gente devia recolher, fazer um *recall* de todos os cartões, houve um pequeno engano ali. Na verdade, nós somos a liberdade, mas todas as coisas se traduzem por uma liberdade. Isso nos introduz variáveis importantes, coisas muito importantes. Por exemplo, há uma pessoa diante de nós, vamos supor uma coisa rara, no trabalho vocês têm um colega amargo, difícil, negativo, áspero, vamos supor que alguns de vocês tenham um colega desses. Aí nós podemos olhar para ele com amargor também, porque a presença dele manifesta amargor e nós sentimos amargor. Agora, nós também podemos olhar para ele de um outro jeito. Essa visão de “eu vejo o outro amargo” é delusão. Já que é delusão, tenho a liberdade de produzir uma outra forma de compreensão. Aí olho para ele e vejo: ele é um ser livre dominado por amargor; amargor não é ele, amargor é o sofrimento que ele tem. Aí eu olho de outro jeito. Quando ele está amargo, penso: como posso fazer para revelar o que ele é além desse amargor? Aí nós já nos sentimos bem quando vemos aquele ser, já estamos olhando assim: de que jeito nós podemos tirar aquele sofrimento dele, porque ele não é aquele sofrimento, aquele sofrimento está aderido a ele. Isso é realidade também, tanto que a gente faz isso e funciona. Agora, o nosso colega do lado diz: “Não, eu não consigo, não entendo isso, aquele ser é horrível”. Também é uma outra realidade, as realidades são compostas de delusões. Nós temos uma capacidade de agir sobre a realidade externa diretamente mobilizando a nossa realidade interna. Aqui eu respondi brevemente sobre essa questão da realidade.

P. – Entendo que o consciente está para a terceira dimensão, assim como o inconsciente está para a quarta dimensão. Qual é o elo que liga a quarta dimensão, o inconsciente, as religiões e a física quântica? A cabala, os vedas e a física quântica parecem falar a mesma linguagem. Quando inventarem os “óculos quânticos”, poderemos ver que a ciência e a religião dizem a mesma coisa?

LAMA SAMTEN – Eu acredito que sim. Mas eu diria assim: a noção de inconsciente é uma noção (eu vou arriscar aqui) freudiana. Ela não é uma noção muito interessante na visão budista, porque é como isso: a gente está numa terra onde todos têm um olho danificado. Então a pessoa diz: eu tenho um olho bom e um olho inconsciente. Tem um problema no olho. Na visão budista, o inconsciente significa apenas que existe uma região que a gente descobre

que atua, mas a gente não tem como reconhecê-la. Agora, para os meditantes a região do inconsciente está aberta, ela não é inconsciente, ela pode ser acessada. Por isso é que eu acho que essa noção freudiana não é muito interessante. Nós podemos olhar e reconhecer essas regiões. Agora, há regiões mais profundas do que aquilo que a gente chama de inconsciente. Essas regiões mais profundas realmente podem ser o ponto aonde a ciência, a cabala e tradições muito profundas, como a tradição védica e a tradição budista, podem se encontrar. É a região onde existe uma natural profundidade das várias tradições religiosas. Talvez nem todas acessem isso, mas, de alguma maneira, por indireta que seja, todas chegam a isso. Essa região é a região aonde a cognição não penetra. Esse é um ponto curioso, porque a gente podia pensar que a cognição penetra em tudo, mas a cognição não penetra em tudo pelo seguinte: quando a gente entende o que se chama a *vidia*, como o budismo entende, por exemplo, que a mente surge quando a nossa natureza, que é mais profunda, mais ampla, mais básica do que a própria mente, quando a nossa natureza se divide entre o objeto e o observador. Quando surge essa divisão, começa o pensamento. Essa divisão é assim: a nossa natureza se manifesta como o objeto e se manifesta como o observador. Quando surge esse par, surge a capacidade de pensar sobre os objetos. Os objetos não estão separados, mas eles parecem separados de nós. Quando surge essa separação, surge a mente que manipula isso. Toda a filosofia e a ciência, por exemplo, operam dentro dessa mente. A mente é que opera com a filosofia e com a ciência. Então a filosofia e a ciência vão até o ponto em que a mente pode ir, ou seja, até o ponto em que a divisão pode ir. Já a religião, ou seja, nesse sentido mais profundo dos contempladores, da visão dos iogues, dos meditantes, ultrapassa esse ponto, daquilo que pode ser observado cognitivamente. O que brota intuitivamente, brota como um objeto também, então também não é isso, é parecido. Por exemplo, vou entrar numa avenida assim: nós podemos ter muitos pensamentos, essa é a nossa experiência, mas nenhum pensamento se fixa. Nós não precisamos ter nem mesmo uma coerência entre um pensamento de agora e o pensamento seguinte. Eles podem ser incompatíveis, incoerentes, eles podem não dizer nada, nada a ver uma coisa com a outra, são pensamentos livres, eventualmente absurdos, como sonhos, leves. Agora, ainda que tudo isso se produza, há uma continuidade, algo que não tem forma, que não surge na forma de um pensamento, mas que é contínuo, que contém, que permite o surgimento destes pensamentos todos. Então há uma continuidade atrás da qual não consigo falar, porque ela não aparece, em si mesma, como uma face. No budismo vamos falar disso como presença, que existe uma presença. Se nós sentamos em meditação em silêncio, avançamos em direção à presença. Ela (presença) pode estar livre desses próprios pensamentos, ela pode originar esses pensamentos. Então descobrimos na mente uma capacidade de luminosidade, que é a capacidade de produzir esses pensamentos, idéias etc. Também a capacidade de produzir as energias das quais essas idéias são dotadas. Nós temos idéias com mais energia ou menos energia, vemos isso presente. A luminosidade produz isso. Indiretamente, podemos observar que há uma presença e ela não muda ao longo da vida. As idéias mudam, as sensações mudam, as energias mudam, mas essa presença não muda. Esse é o aspecto místico que há por trás, que se dá antes, ou paralelamente, até ao próprio processo da cognição, mas ele não depende da cognição, ele está antes da cognição. Essa é uma área muito interessante em que acredito que os místicos todos penetram dentro disso. Eles encontram a vida que está além da vida, enquanto mutação constante, eles encontram uma vida que está antes das próprias manifestações transitórias. Ela está lá. Então isso se torna um fenômeno real. Esse é um ponto interessante. Isso me permite também, de passagem, introduzir um fator importante para nós trabalharmos, que é definido pela palavra *Lung*. No Budismo, *Lung* significa energia. Podemos ver, por exemplo, que às vezes nós tomamos decisões do tipo “agora vou emagrecer”, mas essas decisões, por alguma razão, não têm força quando passa um quindim por perto. A gente vai dizer: “A culpa não foi minha, mas eu me defrontei com aquele ser vivo, brilhante e ele dizia alguma coisa para mim”. E a nossa mente pode, momentaneamente, basta cinco minutos, e esquecemos do

regime. Depois a gente lembra do regime novamente, mas aí já comeu o quindim. Nós temos essas dificuldades. A gente promete não ficar bravo, mas aí surge aquilo e então dizemos que *Lung* domina. Não é um aspecto cognitivo que falta para nós, sabemos direitinho, estamos com o quindim na mão e lembrarmos: aqui tem colesterol, óleos, gorduras saturadas e côco. Que maravilha. Como é que podemos ter tais pensamentos? Percebemos que aquela cognição está clara. Mas o que brota em nós que se opõe, se subverte a isso tudo? Então podemos dizer que tem um *Lung*. É necessário entender isso, é um ponto crucial. A maior parte das nossas visões sociais e sociológicas vai até o nível cognitivo. Nossa educação, em boa medida, vai até o nível cognitivo, ela não inclui o nível *Lung*. Mas se não mudarmos em nível *Lung*, não mudamos nada. Então é necessário que se introduza isso. E os iogues, os meditantes desenvolveram essa habilidade de trabalhar com o nível *Lung*. Se quiser saber como emagrecer com o seu *Lung*, colaborando, isso é muito melhor. Esse é um bom nome, poderíamos chamar de "a dieta do *Lung*". Tudo isso diz respeito à realidade, mas diz respeito também a essas questões que as várias tradições espirituais vão trabalhar. As tradições espirituais trabalham no nível de emoção também, elas mobilizam o *Lung*. Já o Budismo trabalha unindo *Lung* e cognição. Nós trabalhamos dentro disso. É possível, por exemplo, tentar responder essas perguntas: Quando que alguém que vive com o cenho franzido, com sofrimento e com ódio no coração repentinamente pode mudar para uma perspectiva amorosa e compassiva? Como isso é possível? Não basta chegar para ele e dizer que o mundo não é assim como ele vê; ele vai provar para nós que o mundo é como ele vê. Mas como o mundo, apesar de ser hostil como ele vê, nem todas as pessoas, olhando esse mundo hostil, têm tal sentimento negativo? Como é que nós podemos mudar isso? Isso é algo que diz respeito ao *Lung*. Eu vi agora, recentemente, lá no Sul, uma tese de doutoramento nessa área. Só que ela não trabalhava com o *Lung*, e sim com o pensamento de Piaget, sobre como pode haver o sentido naturalmente bom, como que ele pode ser criado, como ele pode ser ensinado para alguém. Será que é possível ensinar isso? Ensinar isso não é ensinar algo cognitivo, é alguma coisa a mais. No Budismo isso está ligado à noção de mandala, à noção de visão de mundo. Cada um de nós vive numa mandala. Existem mandalas de lucidez, mandalas de perfeição, mandalas de compaixão, onde, não importa o que aconteça, o nosso sentimento é de compaixão e nós agimos de forma apropriada no mundo. E tem seres que estão em mandalas de sofrimento. Não importa o que aconteça, eles serão raivosos, infelizes e agressivos. É possível fazer uma transição de uma mandala para outra? Essa é uma sabedoria e esta sabedoria pode ser incluída no sistema de educação, podemos aprender a fazer isso. É muito importante que a gente entenda, introduza essas linguagens e desenvolva essa capacidade. Isso são pontes de contato entre educação, ciência, psicologia, medicina também, psiquiatria, e aquilo que nós vamos chamar de místico. Porque não há nada mais místico do que a transição de uma mandala para outra. Como uma mandala pode ser introduzida? Uma mandala de sofrimento é muito fácil. Uma pessoa tira da roupa aqui um revólver e aponta: "Um vai morrer agora". Pronto, entrou todo mundo em sofrimento. As mandalas de sabedoria, as mandalas de compaixão também podem ser introduzidas através de objetos, através de situações assim. Esse é o sentido, por exemplo, na tradição budista, de uma iniciação. Uma iniciação é a introdução de alguém numa mandala, numa mandala de sabedoria. Já que me perguntou, eu vou lançar um livro agora sobre isso. O tema é justamente esse, é o *Mandala do Lótus*, que trata de como entrar nessa mandala, de como fazer isso. É como se fosse a minha contribuição, em parte, para facilitar esse processo. Mas há um processo, passo a passo, sociológico que nos podemos fazer. Por exemplo, um dos primeiros, que não é o primeiro passo, mas um dos primeiros passos, é dar nascimento ao outro. Por exemplo, quando nós abrimos uma roda, sentamos em roda, damos espaço a cada um. Se a pessoa se levantar ali, tem uma cadeira vazia, aquela cadeira vazia significa que a roda se abriu para acolher aquela pessoa. Quando nós ouvimos alguém, não importa a bobagem que o outro disser, se todos ouvem atentamente e respondem, aquela pessoa estabeleceu relações. Nós precisamos

estabelecer relações a partir de bondade e compaixão. Quando nós estabelecemos essas relações com aquela pessoa a mandala se abre, com os outros ela pode estar fechada. E assim nós vamos abrindo em rede essa mandala, estabelecendo relações. Então esse é um método. Existe na verdade uma cadeia de métodos interconectados para nós avançarmos nesse processo. Mas isso é um processo milenar, que nós podemos traduzir na nossa linguagem e utilizar assim.

P. - Bem, a última pergunta. Se a gente deseja ou necessita alguma coisa, ela acontece?

LAMA SAMTEN - Essa é uma boa pergunta. Eu diria assim: se nós efetivamente perseguirmos aquilo, terminamos obtendo esse resultado, mas eu aconselho a vocês não agirem assim. Eu aconselho vocês a primeiro definir a motivação da ação. A motivação deveria ser uma motivação de trazer benefícios aos outros e de trazer benefícios a nós mesmos; estabelecer relações que sejam positivas para nós, positivas para os outros, positivas para uma unidade organizada e para a natureza. Quando vocês se colocarem dentro disso, vocês estarão dentro da mandala. Mandala, no mínimo, da cultura de paz. Quando nós, inegavelmente, olhamos a todos com esses olhos, vocês irão descobrir que existe uma inteligência operando igual a essa que vocês estão fazendo, nós estamos já protegidos por inteligências maiores. Eventualmente nós não vemos porque olhamos para nossa vida e dizemos: eu tenho que chegar às 7h no trabalho, ou às 9h no trabalho, ou que preciso isso, preciso daquilo. Nós estamos olhando tudo com inteligências muito curtas. Nós perdemos a inteligência estratégica. A inteligência estratégica vem através da motivação. A gente poderia dizer todo dia: eu me movo para beneficiar as pessoas, para que eu possa crescer e me tornar mais capaz de ajudá-los, para que eu possa reforçar as inteligências humanas coletivas, que são positivas, para que eu possa também reforçar a própria natureza e outros seres com os quais não há separação, porque todos vivemos uma grande vida, que é uma vida coletiva. Então quando nós nos colocamos desse modo positivo, vocês verão que o Universo todo nos beneficia. Efetivamente beneficia. É preferível que vocês se coloquem como um instrumento dessa Inteligência maior do que vocês se colocarem como protagonistas de ações individuais. Essa é a minha sugestão. Vocês se harmonizem, amorosa e compassivamente, com os outros e com a natureza, e vocês vão ver as portas se abrindo o tempo todo. Então, por exemplo, há pessoas que têm essa capacidade de realização, elas teimosamente perseguem algo e chegam lá. Mas não é uma grande coisa. Eventualmente este "chegar lá" significa dores para muitas pessoas, destruições e muitas coisas. O ponto principal para nós, o chegar lá, nosso objetivo, seria manter a motivação mais perfeita e conseguir operar com coragem, ou seja, ter a coragem de viver segundo essa motivação mais elevada. E ter também paciência, não ter culpa conosco nem com os outros. Isso é paciência, ter paz, paciência conosco. Porque nós erramos, mas nós refazemos a motivação e seguimos. É assim, então a gente tem que ter perseverança. Eu sugeriria isso: motivação adequada, coragem, paciência e perseverança. E nunca culpar nem a nós nem aos outros. Em lugar de culpar, a gente muda e faz melhor depois. Muito obrigado.